



caf

Cada vida vale a pena!

PROJETO MEU CORPO, MEU BEM


Meu Corpo, Meu Bem

Projeto desmitifica histórias de aids e abuso sexual

“Quer uma balinha?” A pergunta está no imaginário da população. Mas, se nem sempre uma bala é oferecida, pelo menos nesse imaginário, tem-se dessa situação uma criança sexualmente abusada. O retrato da realidade, porém, foi pior. A nova administração de um abrigo de menores identificou crianças com HIV infectadas não por transmissão vertical, mas por abuso sexual. “Ali surgiu a necessidade de trabalharmos essa questão. Com o apoio de parceiros, integrantes da equipe do abrigo foram pesquisar e fazer cursos fora do país. Depois, criamos uma metodologia usando a arte-educação e elaboramos um projeto-piloto que deu certo com as crianças do abrigo”, conta a biomedica Regina Trabachini, sobre o início do Projeto Meu Corpo, Meu Bem, da Casa Filadélfia (CAF).

A metodologia criada pela equipe multidisciplinar foi baseada em cinco pilares: “conhecer”, “apreciar”, “cuidar”, “respeitar” e “proteger”. Na arte-educação, segundo Re-

gina, a ênfase foi dada à cultura brasileira, por conta do perfil dos assistidos pela CAF, cuja expressiva maioria é de nordestinos. “Foi uma forma de nos aproximarmos da população pela cultura”, justifica. Depois, o projeto desenvolvido nas escolas frequentadas pelas crianças do abrigo. Levado às escolas para acessar os adolescentes, a equipe percebeu que era tarde. “Quando as informações e as orientações chegavam até eles, muita coisa já havia acontecido”, esclarece.

Quando chegava a uma escola, a equipe do projeto sensibilizava a diretoria, os professores, pais e cuidadores, Regina. “Eles eram informados exatamente sobre o que fazíamos. Os menores, de 4 a 7 anos, só podiam participar com autorização dos pais; os maiores não precisavam de autorização porque naquela semana as atividades eram trancadas para a grade curricular”, ela relata. “Não foi fácil esbarrarmos no preconceito, na dificuldade de abordar o tema e na resistência de professores, que não queriam mais uma atribuição na sala de aula.”

“Levamos os preservativos e demonstramos como são utilizados. Não dá para fugir do preservativo quando falamos de prevenção”

Baixada a resistência, cada turma teve seis encontros de uma hora e meia. O primeiro baseou-se no pilar “conhecer”, que é conhecer o corpo, principalmente a região íntima. “Ensinamos os nomes corretos porque conhecendo o corpo é que, no futuro, o indivíduo poderá saber se há algo de errado com ele”, explica Regina. “Com os menores, desenvolvemos o autocuidado para a prevenção do abuso. Com os maiores, abordamos também a prevenção das DST (doenças sexualmente transmissíveis), HIV e gravidez precoce.”

Nessa lógica, os pilares “apreciar”, “cuidar” e “respeitar” foram desenvolvidos sucessivamente, baseados na autoestima, no autocuidado e no respeito mútuo. Por último, “proteger” significou autoproteção para menores e maiores. No sexto e último dia de cada turma foram entregues os certificados. O professor, que acompanhou todo o processo em sala de aula, também foi capacitado para tratar de um possível caso. “Tivemos professor atribuindo sua contrariedade ao projeto ao incômodo provocado pelo tema.”

Regina afirma que a forma de abordar o tema facilitou o ingresso nas escolas. “Ainda existe muito tabu, muito preconceito. Nós somos uma organização cristã batista. Se a escola não permite a distribuição de preservativos, não distribuímos. Mas levamos os preservativos masculino e feminino e demonstramos como são utilizados. Não dá para fugir do preservativo quando falamos de prevenção”. Segundo Regina, a maioria dos pais elogia a iniciativa, perguntando o que responder às perguntas dos filhos pequenos. “Eles dizem que não sabem como abordar o tema ou que ficam constrangidos diante do filho”, diz ela. “A princípio contra, um pastor agradeceu porque o filho quase sofreu um abuso, mas com as orientações recebidas na oficina, o menino contou a ele quem e o que queriam fazer. Acontecem várias situações. Na maioria, temos um bom retorno”, conta.

O retorno é excelente. Essa foi a palavra usada pela diretora Ana Soraia Albuquerque Santos de Barros, da Escola Municipal de Educação Infantil Tomás Antônio Gonzaga, uma das escolas onde o Projeto Meu Corpo, Meu Bem foi desenvolvido. “Estamos na divisa com a Favela da Vila União e temos vários problemas dessa ordem, porque a criança geralmente apresenta na escola os indícios de que pode ter sofrido abuso. Se necessário, os professores sentem-se habilitados para tentar solucionar o problema encaminhando ao Conselho Tutelar ou a um psicólogo, por exemplo. Alguns pais questionam o projeto e o preconceito fica explicitado, mas quando são chamados para saber como o tema será abordado, eles concordam.”

CAF
Casa Filadélfia
Projeto Meu Corpo, Meu Bem



População Prioritária

- ✓ Crianças, adolescentes e jovens vivendo com HIV e aids
- ✓ Pessoas em situação de pobreza

Área de Atuação

- ✓ Promoção e Prevenção

